

CULTURA E MODERNIDADE NA CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE LOCAL

Raira Maria Jaci de Sa Barreto¹

Resumo

Análise de elementos de elementos da cultura local, bem como da construção da identidade local e as conseqüências da modernidade nesse processo. Levanta-se o debate sobre o papel que a geografia cultural tem na análise da apropriação do espaço pela cultura globalizada/hegemônica e as repercussões para no cotidiano. Parte-se da realidade empírica da cidade de Pedreiras. O momento espaço-temporal da modernidade tem repercutido sobre o que chamamos de cultura local/regional, o que vem implicar na organização espacial, já que esta é imbricada no cotidiano da sociedade. Esses processos vêm se dando em Pedreiras-MA, principalmente na contemporaneidade, com o novo papel regional que a cidade têm.

Palavras-Chave: Cultura. Identidade. Modernidade. Geografia Cultural.

Abstract

Analysis of elements of local culture and the construction of local identity and the consequences of modernity in this process. He gets up the debate about the role that geography has on the analysis of cultural appropriation of space by the global culture/hegemony and repercussions in daily life. It starts with the empirical reality of the city of Quarries. The moment the space-time of modernity is reflected in what we call culture local/regional, which has lead to the spatial organization, since it is intertwined in everyday society. These processes have been going on Quarries-MA, especially nowadays with the new regional role that the city has.

Keywords: Culture. Identity. Modernity. Cultural Geography.

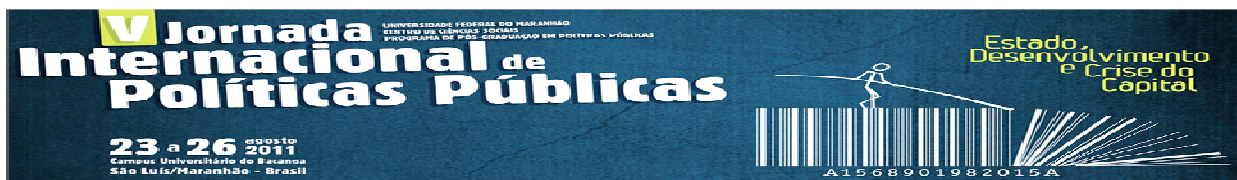
1 INTRODUÇÃO

*Louvo o bem e, se preciso,/Critico a falta de siso,/ Quando poetando estou.
João de Sá Barrêto²*

Quando se pensa em cultura, duas imagens nos vêm a mente: a da produção cultural material (como livros, filmes, artesanato) e a que nos identifica como

¹ Estudante de Pós Graduação. Faculdade de Educação Francisco. rairabarreto@hotmail.com

² Barrêto, 2010



grupo de pessoas com valores compartilhados. A cultura interage com uma série de outros elementos que não são apenas materiais, mas fazem parte da vivência humana.

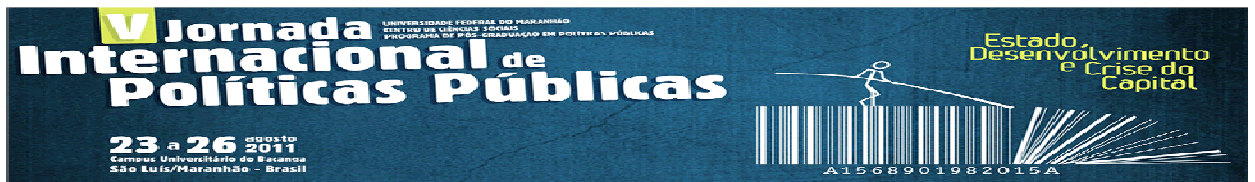
O modo de produção também é parte dos elementos que se relacionam com a cultura. Para Hanningan (apud CORRÊA; ROSENDHAL, 2010, p. 9) “a cultura torna-se, mais e mais, objeto de consumo”, assim, produção cultura e construções identitárias se tornam objeto econômico. Ao mesmo tempo em que a cultura, de forma geral, é apropriada pelo modo de produção global, transformando e subvertendo a produção cultural e as identidades locais, ela também é forma de resistência, as vezes romantizada, mas muitas vezes pragmatizada em ações de grupos locais.

Atualmente, o que estamos chamando de uma cultura local tem sido atacada pela homogeneização através da globalização e a modernidade tem exercido papel fundamental nesse processo. Elementos da cultura produzidos nas escalas micro, relacionadas a grupos não-hegemônicos tem sido substituídos por elementos da cultura global, uma cultura de massa, hegemônica, dispersa no território, principalmente, através de um aparelho ideológico das elites e da grande mídia, que por sua vez, é controlada pelas elites nacionais (e internacionais).

Este trabalho tem por objetivo discutir sobre a cultura local, na cidade de Pedreiras-MA principalmente, e dos elementos da atualidade com que ela se relaciona. Fazendo uma reflexão da inter-relação entre meio e construção cultural, bem como a construção identidade local. Também pretendemos discutir a economia cultural nesse trabalho, além das formas como ela atua na construção da identidade local de Pedreiras- Ma a partir das espacialidades representadas em manifestações como a música e a poesia.

2 A GEOGRAFIA CULTURAL E A APROPRIAÇÃO DOS ESPAÇOS A PARTIR DAS MANIFESTAÇÕES CULTURAIS E COTIDIANAS EM PEDREIRAS

Paul Claval escreve que não somente o material influencia no território, mas também o que é símbolo. Ele expõe que a forma como a ação do homem transforma o espaço, ao mesmo tempo o faz criar sua identidade a partir do seu território, fazendo então ele negar a alienação e tornar-se consciente do espaço que



ocupa e assim “a Identidade aparece como uma construção cultural.” (CLAVAL, 1996, p. 15).

A cidade é de uma forma mais ampla o que a rua representa na construção do lugar. O que Moreira (2007) coloca como um “código de linguagem” que transparece com a existência do homem é inscrito na relação indivíduo/cidade, e de maneira mais específica, indivíduo/rua.

As modificações que os homens fazem nesse espaço-território e sua paisagem na perspectiva cultural que Zeny Rosendahl e Roberto Lobato Corrêa escrevem:

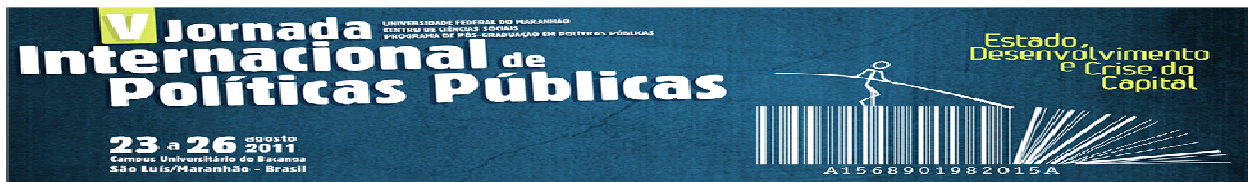
Considerando o urbano, a perspectiva cultural inclui, entre outros, o estudo das relações entre toponímia e identidade, o estudo da cidade enquanto produção de formas simbólicas e a interpretação da paisagem urbana. Marca e matriz social, a paisagem urbana pode ser vista por intermédio de tipos ideais, como meio de comunicação identitária como forma associada à contestação e como meio de ocultar as relações sociais. (CORRÊA; ROSENDAHL, 2003, p.15)

Corrêa e Rosendahl (2003) veem a paisagem cultural como comunicação e como meio de ocultar a relação entre as pessoas, e a forma de expor o que se é, ou o que se deseja ser, com as necessidades que exigem modificação nela e que transmitem a identidade da cidade e recriam a cultura do lugar.

A paisagem urbana é resultado das ações da sociedade, colocando significados que caracterizam a cultura e, conseqüentemente, a sociedade que a produz como reflexo. Assim, a paisagem passa a ser não um produto da cultura, mas da sociedade como um todo e suas ações e conflitos, afirmando o que dizem Rosendahl e Corrêa:

Se a paisagem urbana é um produto do trabalho social, profundamente impregnada de relações sociais e conflitos, e não o produto de um indeterminado agente denominado cultura, a paisagem urbana desempenha, por intermédio daqueles que a controlam e definem novos significados, a tarefa de apagar ou minimizar aquelas relações e conflitos e, ao mesmo tempo, promover aquilo que seus controladores desejam, isto é, transformá-la em produto espontâneo, natural e fruto de uma tradição da qual a harmonia social e o desejo de progresso são partes integrantes. (CORRÊA; ROSENDAHL, 2003, p. 181).

A cultura não se associa a acontecimentos sociais como um simples elemento de modificação. Ela engloba a sociedade como um todo, sem haver separação dos comportamentos, instituições e demais elementos que compõem a



sociedade, pois a cultura é formada ao mesmo tempo que ela transforma a sociedade e diante da construção do cotidiano que se dá em conjunto com a construção do lugar. Geertz evidencia esse raciocínio dessa forma:

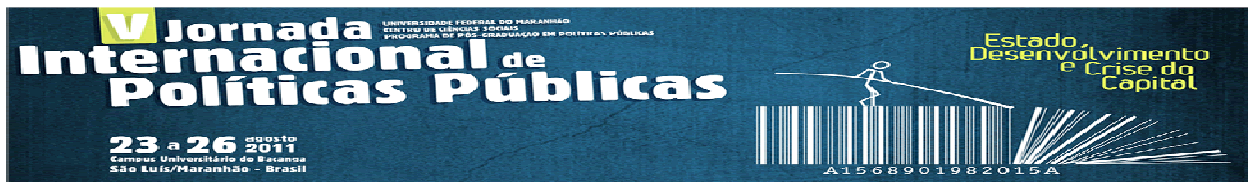
a cultura não é um poder, algo ao qual podem ser atribuídos de modo causal os acontecimentos sociais, os comportamentos sociais, as instituições ou os processos; ela é um contexto, algo dentro do qual eles podem ser descritos de forma inteligível, isto é, descritos com densidade. (GEERTZ apud CORRÊA; ROSENDAHL, 2003, p. 169).

A densidade cultural é expressa, por exemplo, na formação de grupos sociais distintos e numerosos que podem aparecer num espaço como a Rua da Golada. E as formas simbólicas da cidade são resultados de expressões das diversas culturas que ela possui. É importante conhecermos o valor desses símbolos, pois “a idéia de que existe mais simbolismo nos objetos e nas coisas do que a aparência sugere reconhecer tanto o valor mercantil como o valor cultural de um bem simbólico, isto é, a mercadoria e o símbolo.” (ROSENDAHL, 2003, p. 187)

Tendo em vista que o Brasil é um campo fértil para a produção cultural, logo podemos estabelecer trabalhos dentro do campo da geografia cultural, como nos ressalta a diversidade brasileira Corrêa e Rosendahl (2003). A heterogeneidade brasileira que é resultado de longos, complexos e espacialmente diferenciados processos envolvendo sociedade e natureza, faz do Brasil um excelente campo para estudos da geografia cultural. E para que haja uma produção maior dos estudos dentro do campo da geografia cultural é importante conhecer as interações que o sujeito estabelece no seu espaço ao longo da história e assim enumerar as formas que são criadas a partir das intervenções feitas pelos sujeitos e sua transformação do espaço, como nos é colocado por Antonio Carlos Robert de Moraes:

As formas espaciais são produtos de intervenções teleológicas, materialização de projetos elaborados por sujeitos históricos e sociais. Por trás dos padrões espaciais, das formas criadas, dos usos do solo, das repartições e distribuições, dos arranjos locais, estão concepções, valores, interesses, mentalidades, visões de mundo. (2002, p. 16)

A produção do espaço é feita por esses sujeitos históricos e sociais, mas não é um processo estático, ou seja, ele é transformado, modificado e produzido pelas relações estabelecidas pela ação do homem. E como “não há humanização do planeta sem uma apropriação intelectual dos lugares, sem uma elaboração mental dos dados da paisagem, enfim, sem uma valorização subjetiva do espaço” (MORAES, 2002, p.



16) a produção cultural é valiosa para essa modificação do espaço e do sujeito histórico social que é visto não apenas como um mero produto do espaço, mas sim, como um agente transformador do mesmo, podendo fazer isso das mais diversas formas e manifestações.

Coloca-se então, a geografia cultural como base importante para o estudo dessas manifestações culturais, pois, a mesma abrange um vasto campo de análise como Linda McDowell aborda:

A geografia cultural é atualmente uma das mais excitantes áreas de trabalho geográfico. Abrangendo desde as análises de objetos do cotidiano, representações da natureza na arte e em filmes até estudos do significado das paisagens e a construção social de identidade baseadas em lugares, ela cobre numerosas questões. (MCDOWELL, 1966, p. 159)

Para que haja uma permanência da identidade do homem nas suas bases sociais é indiscutível que “a memória coletiva é apontada como um cimento indispensável à sobrevivência das sociedades, o elemento de coesão garantidor da permanência e da elaboração do futuro” (SANTOS, 2002, p.329). A sociedade, então, torna-se responsável pela sobrevivência dos costumes, da cultura de cada lugar, passando às gerações os fatos históricos mais importantes e, estabelecendo assim a permanência da essência do que o povo construiu para o futuro do *território*.

O espaço pedreirense é reflexo da formação cultural, ou melhor, o espaço é em si reflexo da cultura de seu povo. Dentro do espaço da cidade de Pedreiras, a Rua da Golada e o cotidiano das praças contribuiu muito para essa formação cultural e do próprio espaço da cidade. Porém, a memória coletiva é posta em uma moldura antiga, para ser substituída por elementos novos da cultura. Fatores espaço-temporais regionais e locais contribuem para essa perspectiva.

Em suma a divisão do trabalho faz parte dessa apropriação do território e é “produto da ação humana ao longo do tempo, a organização espacial é um reflexo social, “conseqüência do trabalho e da divisão do trabalho”, conforme aponta Lefebvre” (CORRÊA, 1986, p. 67), e essa divisão do trabalho atua de maneira diferente de acordo com o espaço e o tempo onde acontece, como já falado os grupos dominantes determinam as circunstâncias, e de acordo com Moraes “[...] as concepções de espaço, gênero e outras, são construídas no processo de socialização do indivíduo, variando entre os grupos sociais” (MORAES, 2002, p.18). Através da formação social de cada indivíduo pelas circunstâncias é criada a sociedade por

diversas estruturas onde “o desenvolvimento das forças produtivas é uma instância primária com relação ao desenvolvimento da estrutura total da sociedade” (HELLER, p.13, 2008), a partir da movimentação dos fluxos e criação dos fixos que a sociedade ganha sua forma estrutural.

3 MODERNIDADE, COTIDIANO E ECONOMIA NA CONSTRUÇÃO DO LUGAR

Em “Cosmovisão e Modernidade”, Josoaldo Lima Rêgo coloca evidente a modernidade através da análise literária da obra *O Guesa* de Sousândrade e seu campo visual, através das variáveis da poesia e o contexto da produção e a relação sujeito-mundo no perfil do cotidiano do artista.

Isso possibilita o desenvolvimento de argumentos que buscam a compreensão das características desse sujeito moderno, por meio de estudos que identificam as contradições e as concepções de existência que estão postas nas líricas, trazida pela experiência poética. (RÊGO, 2007, p.12).

É preciso trabalhar o território pela leitura no âmbito cultural ora exposto pela história ora dos sujeitos que integram os mais diversos espaços na, expondo os traços de modernidade existentes nos sujeitos e nos territórios para que se trace a identidade dos sujeitos.

A memória social é parte de sua cultura, “a arte cumpre também, enquanto autoconsciência a memória que é da história humana” (HELLER, p.17, 2008), as mais diversas produções culturais são símbolos para determinar características de uma sociedade, portanto não devem ser descartadas ou marginalizadas por circunstância que “é a unidade de forças produtivas, estruturas social e formas da pensamento, ou seja, um complexo que contém inúmeras posições teleológicas, a resultante objetiva de tais posições tealeológicas. (HELLER, p.11-12, 2008), como já falado essas circunstâncias são ditadas pela classe dominante, “que referenda seus interesses econômicos, e, no interior desta, a “classe dirigente” que se impõe no comando da política, e a “fração reinante” que ocupa o aparelho do Estado.” (MORAES, 2002, p. 66).

A sociedade industrial, com seu perfil de alto consumo de matérias-primas e de energia, e de emprego relativamente extensivo de uma mão-de-obra treinada para tarefas repetitivas e fragmentadas, está com seus dias contados. No mundo do futuro, o principal valor agregado dos produtos será a inteligência, a criatividade; os empregos irão requerer sempre mais versatilidade, capacidade de reunir e filtrar

informações, lidar com situações novas, interpretar códigos e linguagens em permanente transformação.

O território do local é apropriado também por diversas atividades econômicas organizadas fora deste que passa pelo âmbito da sociedade e do homem como circunstância. A sociedade vem criando novas formas a cada dia, e o nascimento de uma *humanidade para-nós* (HELLER, 2008), envolta de uma globalização que se torna alienada aos grandes mecanismos sociais. Podemos observar o que Heller expõe sobre o surgimento dessa nova sociedade na seguinte citação:

Basta pensar no desenvolvimento da sociedade durante os últimos séculos. A integração, o nascimento de uma humanidade para-nós, isto é, autoconsciente, bem como a constituição de uma história universal, são indiscutivelmente um momento valioso, enquanto a solidão do homem, a perda de sua base comunitária, sua submissão manipulada aos grandes mecanismos sociais são, também indiscutivelmente, desvalorizações objetivas ocorridas no curso do mesmo processo. (HELLER, p.19, 2008)

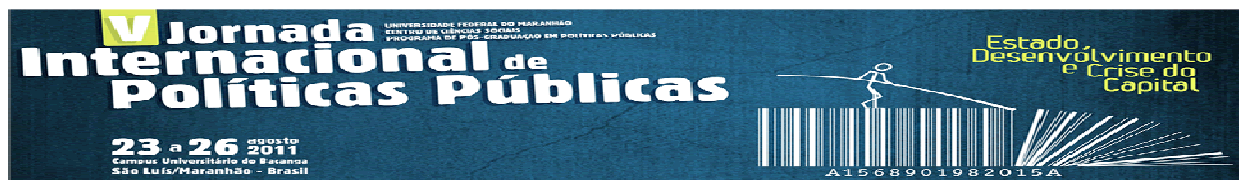
O *cotidiano* nos é visto como o conjunto de elementos que podem caracterizar, formar e transformar o espaço a partir do que o grupo social estabelece, e as atividades econômicas são objetos, mesmo que abstratos, desse grupo, que na maioria dos casos são causadoras diretas dos problemas ou o oposto, quando os problemas sociais causam o desenvolvimento dessas atividades. São as atividades e relações sociais que transformam o *espaço*, e esse conjunto é o cotidiano estabelecendo as temporalidades de cada lugar (DAMIANI, 2007).

Damiani (2007, p. 171) nos coloca que “O cotidiano subdesenvolvido refletiria essas desigualdades no espaço do lugar” e com a desigualdade estabelecida e aparente podemos colocar o cotidiano como agente de formação e transformação da desigualdade.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

*Modéstia a parte seu moço, minha terra é uma belezinha*³.
(João do Vale)

³ Música Minha Terra (1974)



A cultura é pilar para a construção de uma sociedade, ela correlaciona-se ao meio sendo transformada por ele ao mesmo passo que ela o modifica. A cultura é parte da sociedade como um todo e expressa das mais diversas formas, e as vezes a cultura marginal ou a cultura das classes menos favorecidas são abafadas pela cultura das classes dominantes.

É fundamental reconhecer a cultura em sua forma mais ampla, multifacetada e insubstituível, porque é essa riqueza de traços que faz dela o centro do desenvolvimento econômico de uma cidade, região ou país, em outras palavras, a cultura não só gera riqueza, como faz isso através da construção da auto-estima, da coesão social, da confiança na sociedade, enfim, da construção da identidade dessa sociedade.

A construção da identidade do lugar, aqui representada a partir da cidade, é na relação entre a cultura local e a cultura global, advinda, principalmente, com a racionalidade da modernidade.

Referências Bibliográficas

CORREA, Roberto Lobato. **Região e organização espacial**. São Paulo: Ed. Ática, 1986.

CORREA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny (Orgs.). **Economia, Cultura e Espaço**. Rio de Janeiro: Ed. UERJ, 2010.

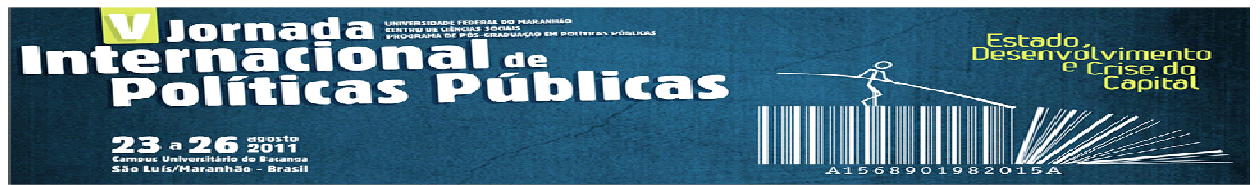
CORREA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny (Orgs.). **Paisagem, Imaginário e Espaço**. Rio de Janeiro: Ed. UERJ, 2001.

CORREA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny (Orgs.). **Introdução à Geografia Cultural**. Rio Janeiro: Ed. Bertrand Brasil, 2003.

CLAVAL, Paul. O território na Transição da Pós- Modernidade in: **Revista geographies et cultures**, n. 20, p.11, 1996

DAMIANI, Amélia Luisa. O Lugar e a Produção do Cotidiano. In: CARLOS, Ana Fani Alessandri. **Novos Caminhos da Geografia**. São Paulo: Ed. Contexto, 2007.

GREGORY, Derek; MARTIN, Ron; SMITH, Grahah. **Geografia Humana: sociedade, espaço e ciência social**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor. 1996.



HELLER, Agnes. **O cotidiano e a história**. São Paulo: Ed. Paz e Terra, 2008

MORAIS, Antonio Carlos Robert. **Ideologias geográficas**. São Paulo: Hucitec. 2002

RÊGO, Josoaldo Lima. **Cosmovisão e Modernidade**: Sousândrade e a formação do campo visual em o Guesa. São Luís: EdFunc, 2007.

SANTOS, Milton. **A natureza do espaço**. São Paulo: EDUSP, 2002

MOREIRA, Ruy. **Pensar e Ser em Geografia**: ensaios de história, epistemologia e ontologia do espaço geográfico. São Paulo: Ed. Contexto, 2007.